

BOAS PRÁTICAS

Programa de reabilitação de cientistas

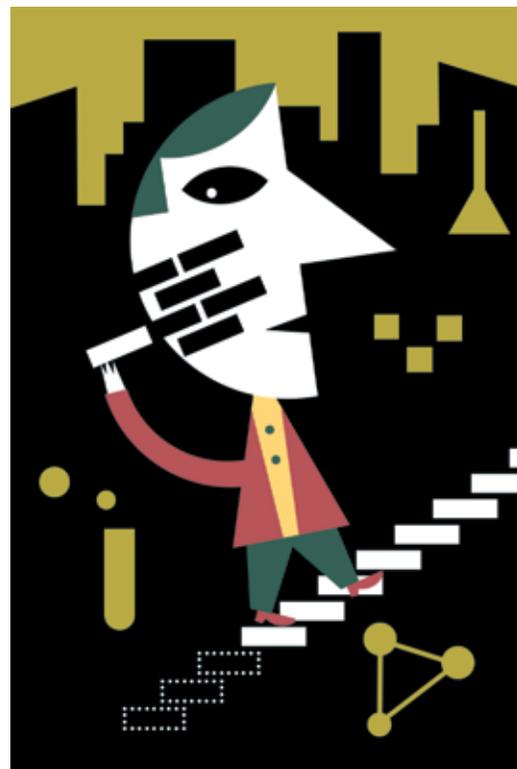
James DuBois, psicólogo e professor da Escola de Medicina da Universidade de Washington, tem uma experiência singular na promoção da integridade científica: nos últimos três anos, ofereceu um programa de reabilitação para 39 pesquisadores de 24 diferentes instituições norte-americanas que haviam sido punidos em episódios de má conduta. O treinamento foi criado com recursos dos Institutos Nacionais de Saúde dos Estados Unidos, principal agência de pesquisa da área médica do país, e recebe várias vezes por ano pequenos grupos de pesquisadores que tiveram financiamento suspenso por cometerem fraude, plágio ou falsificarem dados em trabalhos científicos.

Em artigo publicado na revista *Nature*, DuBois relatou a experiência do programa e apontou o que considera “mitos” sobre má conduta científica. O primeiro deles é a ideia de que só as “maças podres” se envolvem em encrencas. O público do curso, observa DuBois, é composto por pesquisadores talentosos, cujas instituições julgaram que valia a pena investir em sua reabilitação. “Nós não queremos minimizar a gravidade das violações cometidas por nossos participantes, mas elas raramente resultaram de uma intenção consciente de enganar ou quebrar regras”, escreveu DuBois. Ele cita o exemplo de um jovem pesquisador, alçado à liderança de um laboratório, que deixou de revisar dados de um estagiário de pós-doutorado por imaginar que seria um sinal de falta de confiança.

O segundo mito é a ideia de que basta ter talento científico para ser bem-sucedido. Outras habilidades, como liderar equipes, comunicar-se com os pares, ser minucioso e criativo, são igualmente necessárias

para prevenir erros e deslizes. Por fim, DuBois contesta a tese de que o pesquisador deve tentar produzir o máximo possível, não deixando escapar nenhuma oportunidade de apresentar projetos e disputar recursos. Ocorre que o excesso de trabalho é uma causa de equívocos e desleixo com regras. “Líderes de pesquisa devem assumir apenas o número de projetos que consigam supervisionar de forma responsável”, afirmou.

De acordo com DuBois, o programa recebeu críticas por gastar dinheiro tentando recuperar pesquisadores flagrados em má conduta. “Os recursos são bem gastos, pois práticas questionáveis de pesquisa estão muito mais disseminadas do que gostaríamos de admitir”, afirma. Nos três dias de treinamento, os pesquisadores se submetem a uma bateria de avaliações, discutem o que fizeram de errado e traçam um plano de desenvolvimento da carreira, que



inclui estratégias como realizar reuniões regulares com a equipe, buscar treinamento complementar e reestruturar fluxos de trabalho. Nos três meses seguintes, fazem reuniões por telefone com a equipe de DuBois, nas quais mostram como estão levando as estratégias à prática.

Pesquisa nacional sobre má conduta

A Holanda vai perguntar a cada um de seus pesquisadores se já se envolveram em casos de má conduta ou cometeram outros deslizes, num esforço para melhorar o padrão das práticas científicas no país. Serão investidos € 5 milhões, o equivalente a R\$ 18,2 milhões, para mapear a extensão do problema e procurar soluções. As respostas dos pesquisadores serão protegidas por anonimato, mas os resultados consolidados das universidades e centros de pesquisa serão informados à direção de cada instituição. “Durante os últimos 10 anos tivemos três ou quatro sérios sinais de alerta”, contou Lex Bouter, professor da Universidade Livre de

Amsterdã, um dos responsáveis pela iniciativa, de acordo com o site da Times Higher Education.

Um dos casos foi o de Diederick Stapel, demitido da Universidade Tilburg por fabricar dados em diversos artigos sobre psicologia social. O esforço holandês também irá investir € 3 milhões, ou R\$ 10,9 milhões, em estudos para reproduzir resultados de pesquisas, sobretudo nas áreas de ciências sociais e psicologia, que têm potencial para inspirar a formulação de políticas públicas. Boa parte dos escândalos recentes na Holanda envolveu pesquisas nesses campos do conhecimento, que não puderam ser confirmadas em estudos posteriores.